

OPINIÃO

Os artigos assinados publicados nas páginas A2 e A3 não expressam necessariamente a opinião de A TARDE. Participe desta página: e-mail: opiniao@grupoatarde.com.br. Cartas: Redação de A TARDE/Opinião - R. Professor Milton Cayres de Brito, 204, Caminho das Árvores, Salvador-BA, CEP 41822-900

opiniao@grupoatarde.com.br

Quatro anos passam rápido?

Eleonora Ramos

Jornalista
noraramos@uol.com.br

Em 2014 a Câmara dos Deputados inaugurou o busto de Rubens Paiva, deputado assassinado pelo governo militar da ditadura. A cerimônia foi interrompida pela chegada do então deputado Jair Bolsonaro, que depois de xingar o homenageado de comunista vagabundo, diante de sua mãe e irmã, cuspiu no busto. O artigo em que Chico Paiva Avelino, neto de Rubens, narra o episódio, de outubro de 2018, às vésperas do segundo turno das eleições, foi mais um entre tantas tentativas inúteis de breacar a descida rumo ao retrocesso. Mas o candidato mais votado já escolhia o ministério.

Como o Chico Paiva, milhões não acreditaram que aquele ser desprezível que cuspiu no busto de seu pai, que se declarou homofóbico e racista em entrevistas gravadas e tinha como ídolo um coronel da ditadura, condenado por tortura e assassinato, seria eleito presidente. Alguém que se declarou esturpador em potencial e sugeriu rasgar e jogar na latrina o Estatuto da Criança e do Adolescente, mesmo não tendo a menor ideia do que está escrito lá, certamente não seria eleito presidente. Mas, como numa história de ficção inverossímil, o candidato improvável foi eleito por 57 milhões de brasileiros e brasileiras, entre eles milhares de negros, LGBTs, milhões de mulheres.

Mesmo posando ao lado do cartaz de sua autoria, exposto na Câmara, estampando um cachorro com ossos humanos na boca e os dizeres "quem procura osso é cachorro" em abominável referência à busca por cadáveres de desaparecidos du-

rante a ditadura. Mesmo quando fomos votar com um livro na mão, simbolicamente rejeitando o candidato anti-cultura, anti-ciência, anti-vida. Tudo inútil. A maior parte dos eleitores queriam mesmo eram armas, armas no porta-luvas, em cima do armário, na bolsa das mulheres que, assim, ficariam livres de estupro. Armas na mão das crianças a partir dos cinco anos, em clubes de tiro, porque acreditaram que, armados, poderiam, finalmente, circular em paz pelas ruas. Mas não temos andado em paz, andamos, sim, envergonhados das manchetes dos jornais nacionais e estrangeiros, andamos mais tristes, mais ríspidos, mais adoecidos.

A maioria não conhecia o ex-capitão expulso do exército e eleito várias vezes para a Câmara Federal pelo Rio de Janeiro com até 500 mil votos. Os cariocas tão cordiais, tão livres, justamente eles, doaram seus sêmens para gerar essa aberração.

O feminicídio aumentou 29% no primeiro semestre desse ano em relação a 2018. Seria uma infeliz coincidência, mas não é.

E aos 89 milhões que não temos nada a ver com isso, resta temer a pulsão de morte do presidente que ameaça crianças, florestas, indígenas, negros e conviver com a certeza de que nada está tão ruim que não possa piorar.

Não temos andado em paz, andamos, sim, envergonhados das manchetes dos jornais nacionais e estrangeiros, andamos mais tristes

Irmã Dulce – da Bahia para o mundo

Anderson Rios

Professor, analista cultural, doutorando em Educação/UFBA
anderson_gandhy@hotmail.com

Estamos vivendo um momento único com a expectativa da canonização da nossa querida Irmã Dulce. É verdade que, para nós baianos, Irmã Dulce já é uma santa. A sua obra fala por si. Mas o que impressionava na nossa freira baiana era a sua força, sua obstinação em ajudar aos mais necessitados. Aquela mulher franzina, de aparência física frágil, conseguia atrair para sua obra tantas pessoas das mais diversas posições sociais. O magnetismo de Irmã Dulce era algo impressionante!

Obstinada, determinada, Irmã Dulce ia ao encontro dos doentes e necessitados. Sua capacidade de diálogo, de fazer amigos, seu jeito acolhedor, fazia com que todos se sentissem bem perto dela. Teve uma linda amizade com o líder espiritual Divaldo Franco, e uma relação de respeito com a ialorixá Mãe Menininha do Gantois. Um belo exemplo contra a intolerância religiosa.

A festa realizada no início do mês de agosto, no Santuário, ao lado do complexo das Obras Sociais de Irmã Dulce, já deu indícios de como será o dia 20 de outubro na Fonte Nova. A notícia da canonização de Irmã Dulce aumentou a auto-estima dos baianos. Parece que todos se identificam de alguma forma, se sentem próximos, participantes desse momento. É como se todo o povo da Bahia pudesse dizer ao mundo: "Viu, eu já sabia! O anjo bom da Bahia, nossa Santa dos Alagados, será a Santa Dulce dos Pobres!".

O Vaticano reconheceu a santidade de Irmã Dulce, em maio deste ano. Para reconhecer a santidade, o Vaticano tem quatro exigências quanto à veracidade da graça: ser

preternatural (a ciência não consegue explicar), instantâneo (acontecer imediatamente após a oração), duradouro e perfeito. A cerimônia de canonização no Vaticano será no dia 13 de outubro.

A peregrinação deve aumentar em torno do Santuário que fica bem perto de outro lugar sagrado para os baianos, a Igreja do Senhor do Bonfim, conhecida em todo o mundo e cantada por nossos grandes poetas.

Conheci Irmã Dulce quando era estudante do Colégio da Polícia Militar. Foi um dos meninos encarregados de lhe entregar um presente. Nunca esqueci aquele momento. Bejei a mãozinha dela pedindo a benção, e ela colocou as mãos sobre a minha cabeça. Depois, voltei a encontrá-la em mais duas ocasiões.

O legado de Irmã Dulce, seu exemplo de vida, de fé e caridade, estão bem vivos. As Obras Sociais de Irmã Dulce completaram 60 anos, atendendo milhares de pessoas de todo lugar do Brasil. Vale ressaltar que ao caminhar pela OSID, é impossível não sentir a presença dela.

Irmã Dulce será merecidamente chamada, pelo Papa Francisco, de Santa Dulce dos Pobres, a primeira santa brasileira. O anjo azul dos Alagados será reconhecida mundialmente. Viva Irmã Dulce! Para sempre em nossos corações.

A notícia da canonização de Irmã Dulce aumentou a auto-estima dos baianos. Parece que todos se identificam de alguma forma

Dos Profetas aos Poetas

Uri Lam

Rabino da Congregação Beth-El – São Paulo
urilam@gmail.com

Nesta semana passada tive a oportunidade de ser um dos organizadores do Projeto "Dos Profetas aos Poetas", um misto de sarau de poesias, música e boa conversa realizado no charmoso teatro da Escola Red House, em São Paulo. Em sua edição de estreia, o poeta Yehuda Amichai (1924-2000) dialogou com Moisés, Jeremias e com os presentes. Foi lindo e delicado.

Quando Amichai abandonou sua prática religiosa na adolescência, entristeceu profundamente seu pai, que era judeu ortodoxo. Eles discutiram sobre isso por anos. Podemos dizer que Amichai continuou discutindo com seu pai muito depois que o pai morreu.

Em uma entrevista pouco antes da morte, o poeta contou: "Eu discutia com Deus desde criança. Meu pai sempre quis provar para mim que [Deus existe], que um dia eu entenderia. Que deve haver algum tipo de grande diretor no céu; mas isso não significa que, por causa disso, eu esteja proibido de comer um sanduíche com carne e queijo juntos." A discussão continuava:

"Mas o diretor existe..."
"O diretor existe", respondia o filho, "mas isso não me interessa. Chame de

natureza ou de inteligência superior...".

"Não importa se Ele é judeu ou se...
"Se Ele fosse judeu [pai], eu o demitiria", comentou.

"Por quê?"
"Você viu o que Ele fez com o povo judeu?"

Amichai escreveu muitos poemas sobre o feriado de Yom Kipur de 1967, poucos meses depois da Guerra dos Seis Dias. Em um deles, conta que foi até a Cidade Velha com roupas escuras de festa. Em pleno Yom Kipur, quando o costume é se vestir de branco? Além do mais, Yom Kipur não é uma festa, mas um feriado solene, sem comida nem bebida, sem sexo nem roupas caras, muito menos joias.

E lá vai Yehuda Amichai para a Cidade Velha, que até pouco meses não podia visitar, uma vez que o bairro judeu estava nas mãos dos árabes. E o que ele vai fazer lá em Yom Kipur? Vai ao Muro das Lamentações?

Não. Amichai não quer se encontrar com o muro; Amichai ama se encontrar com pessoas e com a sua própria memória. Ele preserva a memória ética dos profetas do povo judeu, que não nos deixam esquecer quem realmente somos. Yehuda fica parado na frente da loja de um árabe, mas não entra nem fala com ele. Eu os imagino a poucos metros, querendo muito se falar. As luzes coloridas da loja de armários com uma arca aberta remetem Amichai à memória: a arca aberta – qual arca? A do Templo de Jerusalém, desta Jerusalém da cidade velha que há poucos meses não podia entrar? A arca que conhecemos das nossas histórias e dos nossos livros sagrados? Ou a Arca Sagrada da sinagoga, quem sabe, do seu pai, ou de outras milhares de sinagogas de Jerusalém, quando abertas? Espero que tão coloridas quanto os armários da loja do árabe com quem precisaria reaprender a falar.

Em sua edição de estreia, o poeta Yehuda Amichai dialogou com Moisés, Jeremias e com os presentes. Foi lindo

ESPAÇO DO LEITOR

opiniao@grupoatarde.com.br

☛ Conte-me outra história

Se não fosse publicado em uma coluna que merece todo respeito, não acreditaria. O Secretário da Fazenda, Sr. Manoel Vitorino, declarou que conseguiu uma economia de mais de 4 bilhões para o Estado, sem traumas, alarides e protestos. Esqueceu-se da convocação da Polícia Militar para impedir a entrada dos funcionários públicos, na Assembleia Legislativa, quando da última lei da reforma administrativa, prevendo o grande tumulto que ia acontecer, porque arbitrária, prepotente, injusta e inconstitucional, pois aumentava a contribuição dos aposentados para o Funprev e cortava verba do Planserv, obrigando, os servidores que estavam com cirurgias marcadas, a tomar dinheiro emprestado para pagar o anestesista? Que o governador não repõe o salário do servidor há muito tempo e que o funcionário público estivesse mais dependurado nos cartões do que agora? Que nunca existiu tanto congestionamento de processos contra o Estado, no poder judiciário, como agora, em consequência da inobediência da lei maior? A fila de precatórios é quilométrica e uma parte de credores já morreu, sem receber o que lhe era devido por determinação da justiça. SONIA LOBO, SONIAMARIALOBO@HOTMAIL.COM

☛ Dois inimigos

A esquerda brasileira, a democracia, a soberania, a justiça, o Brasil e a maioria de seu povo está assistindo um filme de terror. Dois inimigos se degladiando pelo domínio do poder: Globo e Bolsonaro. Se uniram para derrotar um projeto político e econômico, com ampla aprovação popular e golpearam as instituições democráticas. Dois inimigos poderosos e fortes manipulando o ódio contra os mais vulneráveis da sociedade. Vença qualquer lado o povo trabalhador continuará sendo responsabilizado, punido e cas-

A democracia, a soberania, a justiça, o Brasil e a maioria de seu povo está assistindo um filme de terror. Dois inimigos se degladiando pelo domínio do poder: Globo e Bolsonaro

tigado por todas as mazelas que eles, em sua ganância histórica, provocaram, provocam e representam. Só com o povo na rua, eleições gerais e H Lula Livre o Brasil sairá desse roteiro da barbárie. ANTONIO NEGRÃO DE SA, NEGRAOSA1@UOL.COM.BR

☛ Salvador, versos e realidade

Lendo, como sempre faço, o artigo de Walter Queiroz Jr deste sábado, tentei marcar no tempo o momento em que conheci aquele cujo nome já conhecia como "Waltinho do Bloco do Jacu". Procurei fixar o tempo e o resultado trouxe nomes e imagens que andavam meio perdidas na memória. Uma indagação era constante: quando e como o conheci? Um turbilhão de imagens, de rostos e lugares. Revi a "Taba dos Orixás" no vale do Canela, o "Quintal" no Forte de São Pedro, o velho e o "novo" Mercado Modelo, a "Cantina da Lua", uma galeria, cujo nome não recordo na rua Ruy Barbosa. Enfim, lembro do "Bloco do Jacu", o mais democrático do carnaval com seu "líder", Waltinho. No turbilhão os rostos de João de Melo Cruz – versão sergipana de Cosme de Farias, Ruy Espinheira Filho, poeta maior na atualidade baiana, Wally Salomão e tantos outros que poderiam me proporcionar conhecê-lo. Mas, na verdade, seu artigo teve

o condão de retornar ao passado. Me vi no cinema Jandaia, um dos maiores ícones da arte déco , nadei em Abaeté, sentei nas margens do Dique do Tororó, naveguei em saveiros pela Baía de Todos-os-Santos, vi brei com o Itapague na regata dosTainheiros e recebi as inspirações de Castro Alves na praça que abriga homenagem a Glauber Rocha. Finalmente, andei pelo Pelourinho, Maciel, Saldanha da Gama e 28 de setembro, revi Sandoval, Simara e subi a rua Chile . Lá encontrei a "mulher de roxo" em pé entre a Sloper e Duas Américas, enquanto Floripes, descia para o Maciel ou Conceição, passando em frente ao "Adamastor" e o "Cantinho da Música", de todos chamando atenção. Voltei no passado, mas gostaria de ver tudo que Walter escreveu na realidade! ROQUE OLIVEIRA, ROQUE79@OLIVEIRA@GMAIL.COM

☛ Honestidade como fachada

O político, antes de tudo, tem que ser honesto, e não corrupto. Não adianta fazer isso ou aquilo como fachada para roubar o país e depois as consequências são terríveis, como desemprego, miséria, fome, violência e por aí vai. Como se sabe, corrupção e honestidade não combinam! CARLOS ALBERTO SANTOS QUINTELA, CARLOSALBERTOSANTOSQUINTELA@GMAIL.COM